

Racial and Ethnic Microaggressions Scale: Adaptação e Evidências Psicométricas no Brasil

Juliana Pereira Rodrigues Nunes¹, Alessandro Luiz De Andrade, Pollyana de Lucena Moreira

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil

RESUMO

As microagressões raciais são declarações e comportamentos sutis direcionados a pessoas negras, visando comunicar mensagens depreciativas. A presente investigação teve como objetivo adaptar e apresentar as propriedades psicométricas iniciais da população negra do Brasil da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* (REMS-45). Participaram do estudo 482 pessoas, autoidentificadas como negras (pretas e pardas), acima de 18 anos de idade, de diferentes gêneros e classes sociais. Os resultados demonstraram que a escala replica a estrutura original norte americana de seis fatores, obtendo alta confiabilidade, sendo uma escala adequada para medir microagressões raciais no contexto brasileiro. A medida, também se revelou consistente independentemente do método de coleta de dados (presencial e online). Por fim, foram encontradas evidências de validade externa, que demonstram a associação entre os domínios de microagressões raciais com renda e escolaridade. Conclui-se, assim, que a adaptação foi bem-sucedida, estabelecendo uma base psicométrica apropriada para investigações e diagnósticos psicossociais futuros sobre o tema.

Palavras-chave: microagressões raciais; psicometria; racismo.

ABSTRACT – Racial and Ethnic Microaggressions Scale: Adaptation and Psychometric Evidence in Brazil

Racial microaggressions are subtle statements and behaviors directed toward people of color that convey derogatory messages. This study aimed to adapt and examine the initial psychometric properties of the racial and Ethnic Microaggressions Scale (REMS-45) for the Black population in Brazil. A total of 482 participants, all self-identified as Black (Black and mixed), over 18 years of age, of different genders and social classes, took part in the study. The results demonstrated that the replicated scale, based on the original North American six-factor structure, demonstrated high reliability and proved to be suitable for measuring racial microaggressions in the Brazilian context. The instrument also showed consistency across data collection methods (in-person and online). Additionally, evidence of external validity was found, with associations observed between the domains of racial microaggressions and participants' income and education levels. These findings support the successful adaptation of the scale and establish a solid psychometric foundation for future psychosocial research and assessment on this topic.

Keywords: racial microaggressions; psychometrics; racism.

RESUMEN – Escala de microagresiones raciales y étnicas: Adaptación y evidencias psicométricas en Brasil

Las microagresiones raciales son declaraciones y comportamientos tenues dirigidos a personas negras, que tienen como objetivo comunicar mensajes despectivos. La presente investigación tuvo como objetivo adaptar y presentar las propiedades psicométricas iniciais de la población negra brasileña de la *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* (REMS-45). En el estudio participaron un total de 482 personas, autoidentificadas como negras (negras y pardas), mayores de 18 años, de diferentes géneros y clases sociales. Los resultados demostraron que la escala replicada y la estructura original norteamericana de seis factores obtuvieron alta confiabilidad, convirtiéndola en una escala adecuada para medir microagresiones raciales en el contexto brasileño. La medida también se mostró consistente independentemente del método de recopilación de datos (presencial y en línea). Finalmente, se encontró evidencias de validez externa, que demuestran la asociación entre los dominios de microagresiones raciales con el ingreso y la educación. Se concluye así que la adaptación fue exitosa, estableciendo una base psicométrica adecuada para futuras investigaciones y diagnósticos psicossociales sobre el tema.

Palabras clave: microagresiones raciales; psicometría; racismo.

O racismo brasileiro é estrutural e mantenedor das desigualdades entre negros e brancos (Carneiro, 2011), sendo exacerbado por fatores socioeconômicos, como escolaridade e renda (Souza, 2009). Apesar de comporem cerca de 56% da população, dados do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística [IBGE], (2022), mostram que 72,90% das pessoas negras vivem abaixo da linha de pobreza, considerando o valor de 5,50 dólares por dia. Além disso, os níveis educacionais entre pretos e pardos continuam significativamente inferiores ao de pessoas

¹ Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, 29075-910, Vitória, ES. E-mail: julianapereira.psi@gmail.com

Artigo derivado da Dissertação de mestrado de Juliana Pereira Rodrigues Nunes com orientação de Alessandro Luiz de Andrade, defendida em março de 2024 no programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Branças, evidenciando as desvantagens persistentes enfrentadas pela população negra (IBGE, 2022).

Análises direcionadas a compreensão do racismo no Brasil evidenciaram que os locais de ocorrência de racismo mais lembrados por brasileiros foram: escola/faculdade/universidade (38%), mercado de trabalho (29%), espaços públicos (28%), estabelecimentos comerciais (18%) e ambiente familiar (11%), (Instituto de Referência Negra – Peregum, 2023). Esses dados reforçam a natureza institucional do racismo enfrentado por essa comunidade, manifestando-se em diversos contextos (Almeida, 2019).

São significativos os impactos na vida de pessoas negras, atingindo diferentes âmbitos. Na escolarização, são elevadas as taxas de abandono escolar e baixo rendimento acadêmico (Jesus, 2018; Júnior & Silva, 2023). No âmbito psicológico, as experiências de racismo frequentemente resultam em altos níveis de estresse, ansiedade e depressão (Cénat et al., 2023; Su et al., 2021), assim como em menores níveis de autoeficácia e autoestima (Correia-Zanini et al., 2021). Socialmente, uma série de estereótipos negativos, que associam pessoas negras com criminalidade, e como não representativas de um ideal de beleza, por exemplo, (Lima et al., 2022; Techio et al., 2019). Além disso, tais experiências também se refletem nas dificuldades de inserção e desenvolvimento no mercado de trabalho (Thomas-Hawkins et al., 2022).

Ainda que, nem sempre manifesto de maneira agressiva e direta, as formas e expressões do racismo são cotidianamente atualizadas e ganham diferentes nomenclaturas ao redor do mundo, como racismo cordial (Turra & Venturi, 1995), racismo moderno (McConahay, 1986), racismo simbólico (Sears, 1965), racismo aversivo (Dovidio et al., 2002) e microagressão racial (Pierce, 1970). No fim, todas essas formas, tidas como sutis, visam encobrir esta atitude que atualmente, é socialmente inaceitável (Lima, 2020). O termo microagressões raciais foi cunhado inicialmente pelo psiquiatra Chester Pierce em 1970, e serve para caracterizar declarações e comportamentos sutis direcionados a pessoas negras, visando comunicar mensagens depreciativas a estes indivíduos (Sue et al., 2007).

Objetivando ampliar a compreensão relacionada as microagressões raciais, Sue et al. (2007), elaboraram uma taxonomia de classificação, sistematizada em três tipos: microassalto, microinsulto e microinvalidação. O microassalto se refere a uma diminuição racial explícita, direcionada a um indivíduo, em um ambiente mais particular. Microinsultos são mensagens grosseiras e insensíveis, que atacam a identidade racial da pessoa, envolvendo ações como, destacar que a pessoa até é uma negra inteligente, por exemplo, (Sue et al., 2007). Por sua vez, a microinvalidação, decorre de uma diminuição acerca dos pensamentos, sentimentos e experiências de uma pessoa negra, como, por exemplo, a pessoa diz que sofreu racismo e recebe como retorno, que isso é

coisa da sua cabeça ou que está de vitimismo (Sue et al., 2007).

Na literatura brasileira a temática das microagressões raciais ainda é pouco discutida, (Júnior & Silva, 2023; Martins et al., 2020; Silva & Powell, 2016). No entanto, internacionalmente, essas investigações são mais robustas e abrangem uma variedade de contextos, como educação (Solorzano et al., 2000), contextos profissionais e de carreira (Cabell & Kozachuk, 2022; Pitcan et al., 2018; Williams et al., 2023), contextos de saúde (Cénat et al., 2023), assim como, a influência das microagressões no ambiente sistêmico (Skinner-Dorkenoo et al., 2021).

Numa perspectiva mais psicométrica, três instrumentos se propõem a mensurar as microagressões raciais. Todos construídos com base na taxonomia de Sue et al. (2007) e com versões originais norte-americanas. A *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* [REMS-45] (Nadal, 2011), desenvolvida com universitários e usuários da internet de origens latina, asiático-americana e multirraciais. É composta por 45 itens distribuídos em seis domínios (*Assumptions of Inferiority; Second-Class Citizen and Assumptions of Criminality; Microinvalidations; Exoticization/Assumptions of Similarity; Environmental Microaggressions e Workplace and School Microaggression*), apresentando propriedades psicométricas de $\alpha=0,76$ a $\alpha=0,92$.

A *The Racial Microaggressions Scale* [RMAS] (Torres-Harding et al., 2012), avaliou microagressões junto a estudantes universitários e pessoas da comunidade que se identificaram como parte de grupos étnicos sub representados. Contém 32 itens distribuídos em seis dimensões (*Environmental Invalidations; Foreigner/Not Belonging; Sexualization; Low-Achieving/Undesirable Culture; Criminality e Invisibility*), cuja as propriedades psicométricas variaram de $\alpha=0,78$ a $\alpha=0,89$.

Por fim, a *The Revised 28-Item Racial and Ethnic Microaggressions Scale* [R28REMS] (Forrest-Bank et al., 2015), uma versão reduzida da REMS-45, desenvolvida com estudantes universitários negros, latinos/hispânicos e asiáticos. Formada por 28 itens divididos em cinco fatores (*Second-Class Citizen and Assumptions of Criminality; Assumptions of Inferiority; Assumptions of Similarities; Microinvalidations; Media Microaggressions*), apresentou propriedades psicométricas que variaram de $\alpha=0,87$ a $\alpha=0,88$. Dentre as três escalas, a REMS-45, avaliou diversos contextos por meio de seus seis domínios e demonstrou melhor confiabilidade. Sendo, portanto, a medida escolhida para ser adaptada para o contexto brasileiro.

Psicologia brasileira, fenômenos raciais e medidas

Na psicologia, especificamente na psicologia social brasileira, mas não estritamente ela, têm-se verificado um crescente interesse nas investigações de temas relacionados a população negra, como estereótipos (Jairo & França, 2022; Lima et al., 2022), preconceito e

discriminação (Carvalho & Schucman, 2022), atitudes raciais (Sacco et al., 2019), identidade racial (Nunes et al., 2021), por exemplo. No entanto, ainda são incipientes as investigações no Brasil que utilizam escalas e medidas no estudo destes fenômenos.

Algumas escalas e medidas psicométricas destinadas às investigações das manifestações do racismo, criadas ou adaptadas ao contexto brasileiro são: Escala de Racismo Cordial, criada por Turra e Venturi (1995), Escala norte americana de racismo moderno adaptada por Santos et al. (2006), Escala de atitudes étnico-raciais [EAER], construída por Fernandes e Pereira (2019) e a Escala de Racismo Revitimizador [ERR], construída por Lima et al. (2020).

Em relação ao estudo específico das microagressões raciais, a única medida conhecida no Brasil é a *Gendered Racial Microaggression Scale* [GRMS], que foi adaptada por Martins et al. (2020), tendo como objetivo mensurar as microagressões vivenciada por mulheres negras. A medida é composta por 39 itens (p. ex.: “me objetificou com base em características físicas”), os quais, as participantes reportaram a frequência de ocorrência da microagressão, variando entre *Nunca* (0) à *Uma vez por semana ou mais* (5), além disso, foi avaliado o quanto o evento experienciado é considerado estressante. A escala varia entre *isso nunca aconteceu comigo* (0) à *extremamente estressante* (5). Os resultados da medida, indicaram uma estrutura unifatorial, com índices de confiabilidade adequados ($\alpha=0,97$).

Uma limitação dos estudos psicométricos no Brasil (Fernandes & Pereira, 2019; Lima et al., 2020; Martins et al., 2020; Santos et al., 2006; Turra & Venturi, 1995), que investigaram expressões e manifestações do racismo, abordando preconceitos e atitudes, tanto implícitos quanto explícitos, se refere ao público ao qual se direcionam as perguntas, já que a maioria dos instrumentos foi

desenvolvida considerando a percepção de pessoas brancas sobre o fenômeno. Além de, mensurarem o racismo de forma mais abrangente, fato que, os tornam menos sensíveis a contextos e problemas específicos enfrentados por esta população. A GRMS (Martins et al., 2020), única medida brasileira conhecida, entretanto, direciona-se apenas a mulheres negras.

Considerando que o racismo no Brasil é um problema social complexo, estrutural, e que se manifesta em diferentes contextos (Almeida, 2019), identificar como as microagressões raciais ocorrem, permite que ações de intervenção e combate mais direcionados possam ser realizadas (Freires et al., 2022). Deste modo, a *Racial and Ethnic Microaggressions Scale*, (Nadal, 2011), se apresenta como instrumento potencialmente relevante e alvo do presente estudo. A REMS-45 pode ser aplicada em pessoas negras de distintos gêneros, e, pelo fato de ser constituída por seis subescalas, possui um caráter dinâmico que a torna passível de ser utilizada em variados contextos, como por exemplo, saúde, educação, trabalho e comunidade.

Racial and Ethnic Microaggressions Scale

A *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* [REMS - 45] (Nadal, 2011), tem como objetivo avaliar os tipos de microagressões raciais que os indivíduos vivenciam cotidianamente. O instrumento abarca uma ampla gama de tipos de microagressões raciais, até então verificadas na sociedade. Para responder o instrumento os respondentes indicam a frequência de ocorrência de uma microagressão nos últimos seis meses. Os marcadores adverbiais variam de 0 = *não experimentei este evento nos últimos seis meses* à 5 = *experimentei este evento cinco ou mais vezes nos últimos seis meses*.

A Tabela 1 apresenta as definições, exemplos dos itens de cada dimensão e indicadores de confiabilidade.

Tabela 1

Definição de dimensões, itens e confiabilidade da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale*

Dimensões	Definição e exemplo de Item	α
Suposições de inferioridade	Suposição de que indivíduos negros são intelectualmente inferiores aos indivíduos brancos. (Item 17.: “Alguém ficou surpreso com meu sucesso escolar ou profissional por causa da minha raça/cor”).	0,86
Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade	Refere-se a suposição de que pessoas negras não devem receber o mesmo tratamento que pessoas brancas e também, de que negros são criminosos. (Item 31.: “Alguém protegeu sua bolsa ou carteira ao me ver por causa da minha raça/cor”)	0,82
Microinvalidações	Alegações que buscam negar a existência do Racismo e de diferenças entre indivíduos negros e brancos. (Item 33: “Alguém de cor diferente da minha afirmou que não há diferença entre nós dois”).	0,79
Exotização/ Suposições de Similaridade	Caracteriza pessoas negras por particularidades físicas e busca associar que todas as pessoas negras são semelhantes. (Item 43: “Alguém objetificou uma das minhas características físicas por causa da minha raça/cor”).	0,71

Tabela 1 (continuação)Definição de dimensões, itens e confiabilidade da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale*

Dimensões	Definição e exemplo de Item	α
Microagressões Ambientais	Destaca as pessoas negras, por serem exceção em espaços de poder e prestígio social. (Item 18: “Observei que pessoas da minha raça/cor possuem cargos de direção em grandes corporações”).	0,76
Microagressões no Local de Trabalho e na Escola	Ideias, pensamentos e ações de pessoas negras são desconsiderados nos ambientes de trabalho e escola. (Item 15.: “Minha opinião foi negligenciada em uma discussão em grupo por causa da minha raça/cor”).	0,74

Tendo em vista que o fenômeno investigado é complexo e multifacetado, e vem demonstrando relações com fatores estruturais (renda, escolaridade), adicionalmente no presente estudo, serão verificadas as associações entre as microagressões raciais e os fatores socioeconômicos. Espera-se com isso, ampliar a rede nomológica e de discussões acerca dos fatores que podem influenciar a vivência das microagressões raciais, bem como favorecer evidências diversas de adaptação da medida para o contexto brasileiro.

Hipóteses do Estudo

Dentre as hipóteses, tem-se que: A REMS-45 adaptada será um instrumento aplicável ao contexto brasileiro, posto que, as manifestações ‘sutis’ de racismo também estão presentes neste contexto (Martins et al., 2020). Assim, espera-se que sejam encontradas evidências psicométricas de ajuste de modelo de estrutura interna similar ao da REMS-45 (H1), além de indicadores de confiabilidade adequados no que concerne à consistência interna da escala (H2).

Como evidência externa, espera-se encontrar associações negativas entre a REMS-45 com os dados socio-demográficos, de renda e escolaridade. Considerando, os dados socioeconômicos do Brasil, que evidenciam haver relação entre aspectos raciais, renda e escolaridade (IBGE, 2022), destacando a forte indicação de que pessoas negras enfrentam maior vulnerabilidade social quando comparadas às pessoas brancas. Espera-se na hipótese 3 e 4 que a REMS-45 apresenta correlação negativa com renda (H3), bem como com escolaridade (H4).

Método

Procedimentos de adaptação do instrumento

Para a adaptação e levantamento de evidências de validade da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* (Nadal, 2011) para o contexto brasileiro, foram seguidas as diretrizes da *International Test Commission* [ITC], (2017). Solicitou-se previamente ao autor da versão original autorização para adaptação e uso do instrumento. Posteriormente, duas pessoas bilíngues (inglês e português do Brasil), traduziram independentemente a REMS-45. Um terceiro juiz, com experiência em adaptação de instrumentos, comparou as versões traduzidas

com o original em inglês, verificou os aspectos teóricos e semânticos do material e compilou as traduções, em uma versão preliminar – português do instrumento.

A partir da síntese das versões, realizou-se um estudo-piloto com dez participantes que possuíam características da população-alvo, em uma amostra não probabilística. Os participantes indicaram ajustes para melhoria da compreensão, como a adição de palavras em alguns itens (p. ex.: Item 33 “Alguém de cor *diferente* afirmou que não há diferença entre nós dois” para “Alguém de cor *diferente da minha* afirmou que não há diferença entre nós dois”), e sinalizaram que compreenderam que o instrumento pretendia avaliar sobre (discriminação racial/racismo ou algo semelhante), após esta etapa elaborou-se a versão da escala, para aplicação no contexto brasileiro e posteriores procedimentos psicométricos de adaptação do instrumento.

Participantes

Participaram 482 pessoas brasileiras, autoidentificadas como negras (pretas e pardas), segundo critérios do IBGE. A maior parte da amostra foi do gênero feminino 62,65% ($N=302$), com idades variando entre 18 e 66 anos ($M=30,30$; $DP=11,63$). Houve participação de pessoas de todas as cinco regiões do País, entretanto, a maioria 93,35% ($N=450$), residiam na região sudeste

Declararam-se pretos 57,68% ($N=278$) e pardos 42,32% ($N=204$) das pessoas. Acerca do nível de escolaridade 69,49% ($N=335$) da amostra tinha ensino superior e pós-graduação; 27,57% ($N=133$) ensino médio e técnico; 2,89% ($N=14$) ensino fundamental ou não responderam à pergunta. Em relação à renda familiar 23,23% ($N=112$) das pessoas, tinham renda variando entre R\$ 1.965,88 e R\$ 3.276,76; 22,20% ($N=107$) entre R\$ 3.276,76 e R\$ 5.755,23; 19,50% ($N=94$) entre R\$ 900,61 e R\$ 1.965,87; 18,25% ($N=88$) entre R\$ 5.755,24 e R\$ 10.361; 47,67% ($N=37$) inferior a R\$ 900,60; 6,63% ($N=32$) entre R\$ 10.361,49 e R\$ 21.826,74; 1,87% ($N=9$) superior a R\$ 21.826,74 e 0,62% ($N=3$) não responderam à questão.

Instrumentos

Além da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* – (Nadal, 2011), instrumento adaptado neste estudo, e já descrito, os participantes da pesquisa responderam ao *Questionário sociodemográfico*: contendo perguntas para

caracterização da amostra (p.ex.: idade, gênero, raça/cor, renda e escolaridade). O instrumento foi elaborado em duas versões, uma no tradicional formato lápis/papel e outra em formulário eletrônico.

Aspectos éticos

O presente estudo faz parte de um projeto integrado avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número 67523322.5.0000.5059. Todos os participantes manifestaram concordância em participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu de duas formas: lápis-papel ($N=211$) e online ($N=271$), por meio da plataforma *Limesurvey*, no período de abril a junho de 2023. O convite para contribuir com o estudo foi realizado pessoalmente, por e-mail e também através da divulgação via redes sociais, considerando os critérios de inclusão pré-determinados. Tendo em vista as desigualdades sociais no Brasil, e, que há uma tendência dos grupos os quais são geralmente abordados nas pesquisas, adotou-se a estratégia de coleta presencial em lápis-papel, em espaços públicos (pontos de ônibus, dentro do transporte coletivo, comércios de rua), buscando assim, atingir uma maior diversidade de público.

Para a coleta dos dados, foram consideradas possíveis dificuldades de leitura e de acessibilidade, assim, realizou-se a adaptação de uma escala do tipo *Likert* norteadora por número e cores (escala gradual, na qual a discordância foi equivalente a uma maior proximidade com a cor vermelha; a concordância foi equivalente a uma maior proximidade com a cor verde). Na coleta presencial foi realizada a leitura dos itens a todas as pessoas que manifestaram interesse em participar da pesquisa, mas, que possuíam algum tipo de limitação. O consentimento foi formalizado por meio de assinatura do termo e para a versão *online* foi disponibilizado para *download* o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, cuja assinatura foi associada a concordância, com a afirmativa “Declaro que fui informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos expostos. Assim, eu: “aceito; não aceito”. O tempo médio de resposta foi de 20 minutos.

Análise dos Dados

Para operacionalização das análises estatísticas procedeu-se com a Análise Fatorial Confirmatória [AFC] utilizando o *software Jasp 0.17.3* (JASP Team, 2023). Utilizou-se o método de estimativa *Robust Diagonally Weighted Least Squares* [RDWLS], para buscar evidências de validade da estrutura interna do instrumento. A adequação do modelo foi avaliada pela razão entre o *qui-quadrado* (χ^2) e os graus de liberdade (*gl*), cujos valores não devem ser significativos e a razão *gl* deve ser (≥ 5) (Brown, 2015), assim como índices de *Root Mean Square Error of Approximation* [RMSEA] – (valor esperado: 0,08 com intervalo de confiança de 90%); *Comparative Fit Index* [CFI] e *Tucker-Lewis* [TLI] – (valor esperado: $\geq 90-95$) e *standardized root mean square residual* [SRMR], índices abaixo de 0,10 são indicativos de bom ajuste (Brown, 2015).

Posteriormente, foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo [AFCMG], pelo tipo de coleta das informações. Foram observados os critérios de invariância configural, métrica, escalar e *strict*, cujo diferença deve ser de até 0,01 no CFI e SRMR (Putnick & Bornstein, 2016). Por fim, realizou-se análise de correlação tipo *r* de *Pearson* para verificar a validade externa do instrumento (Brown, 2015). A consistência interna foi verificada por meio do alfa de Cronbach (α) e do coeficiente Ômega de McDonald (ω).

Resultados

Evidências de Estrutura Interna Confiabilidade

Inicialmente foi testado o modelo original de estrutura interna da REMS-45 (Nadal, 2011). O resultado de *Qui-quadrado* foi significativo ($p < 0,001$) e os demais indicadores demonstraram um excelente ajuste da estrutura [$(\chi^2/gl) = 1082,239 (930)$; $\chi^2/gl = 1,16$; CFI=0,99; TLI=0,99; SRMR=0,06; RMSEA (90% IC)=0,018 (0,013 – 0,023)], confirmando boa adequação do modelo conforme o original formado por seis dimensões, e corroborando assim com a hipótese 1 do estudo. Avaliou-se também a precisão da escala adaptada ao contexto brasileiro. A Tabela 2 apresenta os índices de cada item, dimensão e lambdas.

Tabela 2

Estimativas dos itens por fatores e índices de precisão

Dimensão	Item	Estimativa (lâmbdas)	ω	α	M	DP
Suposições de Inferioridade	5	0,67	0,90	0,90	1,88	1,18
	9	0,77				
	17	0,64				
	21	0,78				
	22	0,72				
	32	0,81				
	36	0,72				

Tabela 2 (continuação)

Estimativas dos itens por fatores e índices de precisão

Dimensão	Item	Estimativa (lâmbdas)	ω	α	M	DP
Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade	2	0,67	0,89	0,91	1,95	1,26
	6	0,71				
	8	0,80				
	11	0,85				
	31	0,78				
	34	0,73				
	40	0,79				
Exotização/ Suposições de Similaridade	3	0,17	0,78	0,79	1,51	0,67
	13	0,42				
	20	0,17				
	23	0,80				
	29	0,39				
	35	0,53				
	42	0,72				
	43	0,79				
	45	0,46				
Microinvalidações	4	0,78	0,93	0,93	2,85	1,48
	7	0,71				
	10	0,82				
	14	0,75				
	26	0,76				
	27	0,80				
	30	0,83				
	33	0,65				
	39	0,81				
Microagressões Ambientais	12	0,68	0,74	0,79	2,40	1,06
	18	0,41				
	19	0,37				
	24	0,61				
	28	0,66				
	37	0,69				
	41	0,54				
Microagressões no local de Trabalho e na Escola	1	0,70	0,84	0,84	1,72	1,07
	15	0,71				
	16	0,69				
	25	0,71				
	44	0,79				

Nota. ω =Ômega de McDonald; α =alpha de Cronbach; M=média; DP=Desvio Padrão

A escala geral da REMS-45, apresentou índices considerados excelentes para propriedade da precisão ($\omega=0,95$; $\alpha=0,95$; $M=2,11$; $DP=0,89$). Todos os índices utilizados demonstraram confiabilidade adequada nas seis dimensões da medida adaptada, este resultado confirma a hipótese 2, delineada no estudo. Em quatro domínios: Suposições de inferioridade (p.ex.: Alguém inferiu que eu não seria inteligente por causa da minha raça/cor), cidadão de segunda classe e suposições de criminalidade (p.ex.: 'Alguém protegeu sua bolsa ou carteira ao me ver

por causa da minha raça/cor'), microinvalidações (p.ex.: 'Alguém me disse que não vê raça') e microagressões no local de Trabalho e na Escola (p.ex.: 'Minha opinião foi negligenciada em uma discussão em grupo por causa da minha raça/cor'), os lambdas foram próximos ou acima de 0,70, conforme apresentado na Tabela 2.

Análise de invariância

Adicionalmente, foram realizadas análises em busca de evidências de invariância dos dados para o tipo de

coleta (*online versus offline*), a Tabela 3 apresenta os resultados da AFCMG.

Os indicadores $\Delta CFI \geq 0,01$ (Putnick & Bornstein, 2016), nos critérios configural, métrica, escalar e *strict* foram alcançados para o tipo de coleta, demonstrando a invariância do instrumento nesses parâmetros entre procedimentos de coleta presencial e *offline*.

Evidências de Validade Externa

Por fim, verificou-se a convergência das subescalas que compõem a REMS – 45 com indicadores sociodemográficos de renda e escolaridade. Foram testadas as correlações do tipo *r* de Pearson. As informações na Tabela 4 apresentam as correlações entre as medidas.

Tabela 3

Invariância dos dados pelo tipo de coleta (*online versus offline*)

	Índice de Ajuste				
	RMSEA	SRMR	TLI	CFI	ΔCFI
Configural	0,000 (0,000 – 0,000)	0,07	1,010	1	
Métrica	0,024 (0,018 – 0,029)	0,08	0,99	0,99	0,000
Escalar	0,024 (0,019 – 0,029)	0,08	0,99	0,99	0,000
Strict	0,027 (0,022 – 0,031)	0,09	0,99	0,99	0,000

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2024)

Tabela 4

Correlações com medidas externas

Fatores	1	2	3	4	5	6	7	8
1.Inf	–							
2.Cri	0,76***	–						
3.Mi	0,64***	0,57***	–					
4.Ex	0,71***	0,61***	0,63***	–				
5.Am	0,17***	0,16***	0,26***	0,20***	–			
6.Tr	0,75***	0,67***	0,56***	0,59***	0,11*	–		
7.Es	0,03	- 0,11*	-0,01	-0,10*	-0,06	0,04	–	
8.Re	-0,15***	-0,21***	-0,19***	-0,21***	-0,01	-0,01***	0,45***	–
M	1,88	1,95	2,85	1,51	2,40	1,72	8,13	2,35
DP	1,18	1,26	1,48	0,67	1,06	1,07	3,51	1,45

Nota. Abreviações: 1. Inf=Suposições de inferioridade; 2. Cri=Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade; 3. Mi=Microinvalidações; 4. Ex=Exotização/ Suposições de Similaridade; 5. Am=Microagressões Ambientais e 6. Tr=Microagressões no Local de Trabalho e na Escola. Medidas socioeconômicas (7 e 8) - 7. Es=Escolaridade e 8. Re=Renda. Significância Estatística: ** $p < 0,01$

Observaram-se correlações convergentes com significância de $p < 0,001$. Todos os seis fatores da REMS-45 se correlacionaram positivamente entre eles. Nas correlações entre os fatores da escala de microagressões raciais com as medidas sociodemográficas externas, encontrou-se que, escolaridade se correlacionou de maneira negativa e fraca com os fatores *Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade* ($r = -0,11$; $p = 0,01$) e *Exotização/ Suposições de Similaridade* ($r = -0,10$; $p = 0,01$). Foram encontradas também evidências de associação significativa e negativa entre microagressões raciais e renda, nos domínios: *Suposições de inferioridade* ($r = -0,15$; $p < 0,001$); *Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade* ($r = -0,21$; $p < 0,001$); *Microinvalidações* ($r = -0,19$; $p < 0,001$); *Exotização/Suposições de Similaridade* ($r = -0,21$; $p < 0,001$) e *Microagressões no Local de Trabalho e na Escola* ($r = -0,16$; $p < 0,001$), exceto com microagressões ambientais.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo adaptar, apresentar as propriedades psicométricas e invariância da *Racial and Ethnic Microaggressions Scale* (REMS-45) para a população negra brasileira. Os resultados demonstraram que o instrumento possui propriedades psicométricas adequadas para avaliar diferentes tipos de microagressões raciais no Brasil. Por meio da AFC, foi possível a reprodução do modelo original, composto por seis dimensões (Nadal, 2011), além disso, foram encontrados índices de ajuste superiores ao da REMS-45 inicial, corroborando a hipótese 1.

Os índices de confiabilidade do instrumento, revelaram adequada consistência interna em todas as subdimensões. Também foram encontradas correlações positivas entre os domínios da REMS-45, consolidando a

evidência interna de que o instrumento está mensurando de maneira confiável o construto microagressão racial. Em quatro domínios (Suposições de Inferioridade, Cidadão de Segunda Classe e Suposições de Criminalidade, Microinvalidações e Microagressões no local de Trabalho e na Escola), os lâmbdas foram próximos ou superiores a 0,70, indicando que houve uma boa distinção dos itens, pelos respondentes. Achados semelhantes foram encontrados em outros contextos (Forrest-Bank et al., 2015; Nadal, 2011), corroborando assim, a qualidade psicométrica da versão adaptada do instrumento para o contexto brasileiro, e, estando, portanto, alinhavada a hipótese 2, a qual previa que os ajustes de consistência interna seriam adequados no presente estudo.

Como procedimento adicional, não realizado no estudo de Nadal (2011), encontrou-se que o instrumento é estável, independentemente da forma de coleta (*offline* ou *online*), assim, há o fortalecimento de que não há vieses de resposta, confirmando a robustez da escala. Este procedimento, expande a possibilidade de diversificação na coleta das informações e uso do instrumento para pesquisadores e interessados na avaliação destes tipos de agressões na população negra em geral.

Ampliando a compreensão da REMS-45 no contexto brasileiro, foram identificadas correlações negativas entre seus domínios e os dados socioeconômicos, corroborando as hipóteses 3 e 4. No cotidiano, pessoas negras enfrentam agressões raciais, tanto em interações interpessoais, como questionamentos sobre sua capacidade intelectual ou estética, quanto em contextos institucionais, como escolas ou locais de trabalho (Almeida, 2019). Associado a isso, pesquisas sociodemográficas de larga escala evidenciam a existência de disparidades entre pessoas negras e brancas no Brasil (IBGE, 2022). Desta forma, os achados encontrados no presente estudo, se somam as indicações da literatura que indicam que pessoas negras possuem menores rendimentos e níveis de escolaridade.

De modo mais específico, renda se associou negativamente com cinco das seis dimensões de microagressões, exceto, com *microagressões ambientais*. Estudos mais direcionados à compreensão dos impactos das microagressões raciais no mercado de trabalho, apresentaram alguns sentimentos relatados como: inferioridade e sentimentos de não pertencimento ao mesmo mundo, maior pressão em relação aos pares, medo de se arrisarem em suas atividades, bem como, baixa disposição para se envolverem em atividades de liderança (Cabell & Kozachuk, 2022; Pitcan et al., 2018). No meio acadêmico, universitários negros manifestaram terem suas ideias ignoradas por colegas em sala de aula (Silva & Powell, 2016; Solorzano et al., 2000). Além disso, o espaço escolar também foi indicado como local, onde as pessoas sinalizaram terem sofrido racismo (Instituto de Referência Negra – Peregrum, 2023).

Dado que o trabalho é uma das principais fontes de renda para a maioria da população, e que o domínio

microagressão no local de trabalho e escola foi um fator relevante nos resultados, há indícios de que ocorrem manifestações desses comportamentos nestes ambientes, o que pode estar interferindo negativamente no desenvolvimento profissional e carreira das pessoas negras, trazendo como consequência acesso a menor renda. Essas vivências, contribuem para a manutenção do racismo sistêmico e retroalimentam as desigualdades vividas por pretos e pardos.

Outro resultado a ser destacado foi a correlação negativa entre as dimensões *Cidadão de segunda classe* e associação com a *criminalidade e exotização/suposição de similaridade*, com renda e escolaridade. Entre as formas de exotização, observa-se a estereotipização das pessoas com base em características corporais, de beleza, culturais e associadas à identidade étnicorracial. No contexto brasileiro, é comum o uso de adjetivos direcionados a pessoas negras, geralmente carregados de preconceitos e conotações negativas. Pesquisas comparativas examinaram estereótipos associados a pessoas negras e brancas. Aspectos como: riqueza, beleza e inteligência foram mais comumente atribuídas a pessoas brancas, enquanto às pessoas negras foram associadas características relacionadas à pobreza, trabalho físico e criminalidade (Lima et al., 2022; Techio et al., 2019). Um estudo envolvendo crianças negras revelou que a maioria delas se autoidentifica como negra (92,3%), porém, ao avaliarem a situação de beleza, uma proporção significativa expressou preferência por características brancas (56,6%), assim como o desejo de se parecer com pessoas brancas (56,6%) (Nunes et al., 2021).

Essas pesquisas destacam a exotização por meio de atribuição de estereótipos negativos destinados às pessoas negras, os quais, no geral tiveram como objetivo inferiorizar e desumanizar os indivíduos, pelo simples fato de serem diferentes daquilo que foi convencionado como norma (Lima et al., 2022; Nunes et al., 2021; Techio et al., 2019). O racismo, conforme documentado na literatura, acarreta prejuízos em diversas áreas da vida, incluindo saúde psicológica (Cénat et al., 2023; Correia-Zanini et al., 2021), na educação (Jesus, 2018; Júnior & Silva, 2023), desenvolvimento de identidade racial (Nunes et al., 2021), assim como de oportunidades profissionais e de carreira (Pitcan et al., 2018; Williams et al., 2023), resultando em efeitos cumulativos devastadores.

Sobre o fator *microagressões ambientais* não ter se correlacionado com as variáveis sociodemográficas, uma das suposições é a de que pode estar ocorrendo uma mudança de paradigma social. Até recentemente era pouco usual, pessoas negras ocupando posições de destaque, tanto na mídia, quanto na sociedade como um todo. Entretanto, com as políticas de ações afirmativas e os debates levantados sobre justiça social, tem se tornado crescente o número de pessoas negras ocupando esses lugares, o que pode estar gerando a percepção de que Pretos e Pardos já não são mais exceção em espaços

de poder e prestígio social. Diante da divergência com a literatura (Forrest-Bank et al., 2015; Nadal, 2011), investigações mais direcionadas a este domínio são necessárias.

Em conclusão, este estudo pioneiro buscou avaliar as microagressões raciais na população negra brasileira, com um enfoque psicométrico. Conforme evidenciado, a adaptação da escala foi bem-sucedida, sendo respaldada por evidências de confiabilidade e validade convergente. O instrumento revelou um caráter dinâmico, fornecendo uma base sólida para investigações futuras, abrangendo diferentes contextos, como saúde, em pesquisas sobre saúde mental, em estudos interseccionais que considerem a influência do gênero nas experiências de violência, assim como, no âmbito educacional e de carreira, destacando-se como possibilidade a avaliação dos impactos das microagressões raciais na aprendizagem, assim como, fornecendo evidências sobre as influências em aspectos individuais e no desenvolvimento e desempenho em ambientes laborais.

No entanto, é essencial considerar as limitações desta pesquisa. Apesar dos esforços para obter uma amostra heterogênea, a pesquisa teve maior concentração de respondentes na região Sudeste e amostras com maiores níveis de escolaridade, o que impede a afirmação de representatividade em termos de diversidade socioeconômica no país. Diante disso, recomenda-se a realização de investigações mais abrangentes, envolvendo pessoas de diferentes regiões, gêneros e classes sociais, possibilitando uma generalização mais robusta dos resultados. Espera-se assim, que este seja o início do fomento de

pesquisas e ações que possam contribuir para a promoção de ambientes mais inclusivos.

Agradecimentos

Agradecimento ao apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES.

Financiamento

Todas as fontes de financiamento para elaboração e produção do estudo (coleta, análise e interpretação dos dados, bem como, escrita dos resultados no presente no manuscrito) foram fornecidas pelo projeto de pesquisa 235/2022 Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES.

Contribuições dos autores

Declaramos que todos os autores participaram da elaboração do manuscrito.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Almeida, S. L. D. (2019). *Racismo Estrutural*. Jandaíra.
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford.
- Cabell, A. L., & Kozachuk, L. (2022). Professional Leadership, Racial Microaggressions, and Career Adaptability of Minoritized Clinicians in the United States. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 44(3), 512-528. <https://doi.org/10.1007/s10447-022-09478-w>
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.
- Carvalho, F. N., & Schucman, L. V. (2022). A contribuição dos estudos críticos da branquitude para compreensão do preconceito racial na psicologia social. *Quaderns de Psicologia*, 24(1), 1-18. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1760>
- Cénat, J. M., Dalexis, R. D., Darius, W. P., Kogan, C. S., & Guerrier, M. (2023). Prevalence of Current PTSD Symptoms Among a Sample of Black Individuals Aged 15 to 40 in Canada: The Major Role of Everyday Racial Discrimination, Racial Microaggressions, and Internalized Racism. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 68(3), 178-186. <https://doi.org/10.1177/07067437221128462>
- Correia-Zanini, M. R. G., Brito, A. M., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Estressores e crença de autoeficácia em universitários negros. *Educação*, 46(1), 1-27. <https://doi.org/10.5902/198464442452>
- Dovidio, J. F., Gaertner, S. E., Kawakami, K., & Hodson, G. (2002). Why can't we just get along? Interpersonal biases and interracial distrust. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 8(2), 88-102. <https://doi.org/10.1037/1099-9809.8.2.88>
- Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2019). Atitudes étnico-raciais: Elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira. *Psico*, 50(4), e-28624. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.28624>
- Forrest-Bank, S., Jenson, J. M., & Trecartin, S. (2015). The Revised 28-Item Racial and Ethnic Microaggressions Scale (R28REMS): Examining the Factorial Structure for Black, Latino/Hispanic, and Asian Young Adults. *Journal of Social Service Research*, 41(3), 326-344. <https://doi.org/10.1080/01488376.2014.987944>

- Freires, L. A., Guerra, V. M., & Nascimento, A. S. (2022). Desafios e Proposições para a Avaliação Psicológica com Grupos Minorizados: (Des)alinhamentos Sociopolíticos. *Avaliação Psicológica*, 21(4), 383-396. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712022000400003
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/>
- Instituto de Referência Negra – Peregrum. (2023). *Sumário Executivo da Pesquisa Percepções Sobre o Racismo no Brasil*. [file:///C:/Users/natur/Downloads/Sumario-Executivo-Percepcoes-sobre-o-Racismo-no-Brasil%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/natur/Downloads/Sumario-Executivo-Percepcoes-sobre-o-Racismo-no-Brasil%20(1).pdf)
- International Test Commission. (2017). The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests. *International Journal of Testing*, 18(2), 101-134. <https://doi.org/10.1080/15305058.2017.1398166>
- Jairo, I., & França, D. X. (2024). The Professional Choices of Black Adolescents in Brazil: Effects of Stereotype Threats. *Trends in Psychology*, 32, 1056-1083. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00178-3>
- Jasp Team. (2023). JASP (Version 0.17.3) [Computer software]. In *JASP – Free and User-Friendly Statistical Software*.
- Jesus, R. E. (2018). Mecanismos Eficientes na Produção do Fracasso Escolar de Jovens Negros: Estereótipos, silenciamento e invisibilização. *Educação em Revista*, 34(0), e167901. <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>
- Júnior, E. A. S., & Silva, G. H. G. (2023). “O mérito da sua nota alta está na sua cor do pecado”: Microagressões raciais no Ensino Superior. *Prometeica-Revista de Filosofia y Ciencias*, (27), 772-782. <http://dx.doi.org/10.34024/prometeica.2023.27.15376>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. Editora Blucher.
- Lima, M. E. O., Rodrigues, H. S., & Santos, E. V. (2022). Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology*, 30(3), 480-496. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00128-5>
- Lima, M. E. O., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & Almeida, J. N. (2020). Construção e validação da Escala de Racismo Revitimizador. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(2), 130. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n2p130>
- Martins, T. V., Lima, T. J. S., & Santos, W. S. (2020). O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(7), 2793-2802. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>
- McConahay, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the Modern Racism Scale. In *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 91-125). Academic Press.
- Nadal, K. L. (2011). The Racial and Ethnic Microaggressions Scale (REMS): Construction, reliability, and validity. *Journal of Counseling Psychology*, 58(4), 470-480. <https://doi.org/10.1037/a0025193>
- Nunes, J. P. R., Freitas, J. N. P., & Bonomo, M. (2021). Identidade Étnicorracial entre Crianças Negras no Contexto de Comparação Social. In *Corpo e Afeto: população negra em pauta* (pp. 34-46). Bagai.
- Pierce, C. (1970). Offensive mechanisms. In *The black seventies: An extending horizon book* (pp. 265-282). Porter Sargent Publisher.
- Pitcan, M., Park-Taylor, J., & Hayslett, J. (2018). Black Men and Racial Microaggressions at Work. *The Career Development Quarterly*, 66(4), 300-314. <https://doi.org/10.1002/cdq.12152>
- Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2016). Measurement invariance conventions and reporting: The state of the art and future directions for psychological research. *Developmental Review*, 41, 71-90. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2016.06.004>
- Sacco, A. M., de Paula Couto, M. C. P., Dunham, Y., Santana, J. P., Nunes, L. N., & Koller, S. H. (2019). Race attitudes in cultural context: The view from two Brazilian states. *Developmental Psychology*, 55(6), 1299-1312. <https://doi.org/10.1037/dev0000713>
- Santos, W. S. D., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. É. D. S. (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, 11, 637-645. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300020>
- Sears, D. O. (1965). Biased Indoctrination and Selectivity of Exposure to New Information. *Sociometry*, 28(4), 363. <https://doi.org/10.2307/2785989>
- Silva, G. H. G., & Powell, A. B. (2016). Microagressões no ensino superior nas vias da Educação Matemática. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 9(3), 44-76. <https://www.redalyc.org/journal/2740/274047941004/html/>
- Skinner-Dorkenoo, A. L., Sarmal, A., Andre, C. J., & Rogbeer, K. G. (2021). How Microaggressions Reinforce and Perpetuate Systemic Racism in the United States. *Perspectives on Psychological Science*, 16(5), 903-925. <https://doi.org/10.1177/17456916211002543>
- Solorzano, D., Ceja, M., & Yosso, T. (2000). Critical Race Theory, Racial Microaggressions, and Campus Racial Climate: The Experiences of African American College Students. *The Journal of Negro Education*, 69(1/2), 60-73. JSTOR. <https://www.jstor.org/stable/2696265>
- Souza, J. (2009). *A ralé brasileira: que é e como vivem*. UFMG.
- Su, J., Seaton, E. K., Williams, C. D., Spit for Science Working Group, & Dick, D. M. (2021). Racial discrimination, depressive symptoms, ethnic-racial identity, and alcohol use among Black American college students. *Psychology of Addictive Behaviors*, 35(5), 523-535. <https://doi.org/10.1037/adb0000717>
- Sue, D. W., Capodilupo, C. M., Torino, G. C., Bucceri, J. M., Holder, A. M. B., Nadal, K. L., & Esquilin, M. (2007). Racial Microaggressions in Everyday Life: Implications for Clinical Practice. *American Psychologist*, 62(4), 271-286. <https://doi.org/10.1037/0003-066x.62.4.271>
- Techio, E. M., Leite, E. L., Silva, R. P., & Torres, A. R. R. (2019). El contenido estereotípico y el discurso acerca del prejuicio racial en Bahía. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 179-194. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6158>
- Thomas-Hawkins, C., Flynn, L., Zha, P., & Ando, S. (2022). The effects of race and workplace racism on nurses' intent to leave the job: The mediating roles of job dissatisfaction and emotional distress. *Nursing Outlook*, 70(4), 590-600. <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2022.03.001>
- Torres-Harding, S. R., Andrade, A. L., Jr., & Romero Diaz, C. E. (2012). The Racial Microaggressions Scale (RMAS): A new scale to measure experiences of racial microaggressions in people of color. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 18(2), 153-164. <https://doi.org/10.1037/a0027658>

- Turra, G., & Venturi, C. (1995). *Racismo cordial: A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. Ática
- Williams, T. R., Autin, K. L., Pugh, J., Herdt, M. E., Garcia, R. G., Jennings, D., & Roberts, T. (2023). Predicting Decent Work Among US Black Workers: Examining Psychology of Working Theory. *Journal of Career Assessment*, 31(4), 756-772. <https://doi.org/10.1177/10690727221149456>

recebido em maio de 2024
aprovado em abril de 2025

Sobre os autores

Juliana Pereira Rodrigues Nunes é Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e atualmente doutoranda na mesma instituição.

Alexsandro Luiz De Andrade é Doutor em Psicologia. Coordenador do Laboratório de Avaliação e Mensuração Psicológica (AMP), docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista de Produtividade do CNPq.

Pollyana de Lucena Moreira é Doutora em Psicologia Social. Docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Como citar este artigo

Nunes, J. P. R., Andrade, A. L., & Moreira, P. L. (2025). *Racial and Ethnic Microaggressions Scale: Adaptação e Evidências Psicométricas no Brasil*. *Avaliação Psicológica*, 24, nº especial 1, e25366, 1-11. <http://doi.org/10.15689/ap.2025.24.e25366>